

Machado de Assis e o seu convite à leitura do Jornal das Famílias
Daniela Magalhães da Silveira*

Resumo:

Machado de Assis publicou vários contos, entre 1864 e 1878, numa revista de moda e literatura, denominada Jornal das Famílias. Sua participação naquelas páginas foi marcada pela necessidade de corresponder às expectativas de um editor cioso pela manutenção da revista e de um público que variava entre pais cautelosos e jovens mocinhas. Enquanto os primeiros tentavam vigiar aquilo que suas filhas liam, as outras pareciam mais interessadas pelas movimentadas tramas, protagonizadas por personagens femininas imaginativas, e que invertiam a ordem social na qual estavam submetidas. Este artigo tem como objetivo principal analisar os espaços oferecidos por Machado de Assis aos seus leitores e leitoras, bem como a importância dada pelo literato para a leitura, como prática de formação feminina.

Palavras-chave: Machado de Assis; Jornal das Famílias; leitura.

Abstract:

From 1864 to 1878, Machado de Assis published many short stories in *Jornal das Famílias*, a magazine of fashion and literature. As contributor to *Jornal das Famílias*, Machado de Assis had to fulfill the expectations of the magazine's publisher, who was careful about the survival of the journal and of its audience, which could vary from cautious parents to young ladies. While those parents watched what their daughters were reading, the young ladies seemed more interested in lively plots, headed by imaginative female characters, in a reverse of the social order in which they were living in those times. This paper aims to analyze the spaces offered by Machado

* Doutora em História Social da Cultura pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: danielasilveira@hotmail.com.

Daniela Magalhães da Silveira

de Assis to his male and female readers, as well as examining the importance given by the author to the field of reading, especially as the practice of female formation.

Keywords: Machado de Assis; Jornal das Famílias; Reading.

O Jornal das Famílias feito por Machado de Assis

O Jornal das Famílias: publicação ilustrada, recreativa, artística, etc. foi publicado por B. L. Garnier entre janeiro de 1863 e dezembro de 1878. Contava com um caderno de modas, o qual ensinava as suas leitoras a confeccionar desde os vestidos mais sofisticados até a economizar o dinheiro do marido, sugerindo que as esposas deveriam aprender o ofício de costureiras. Esse aparecia acompanhado por uma espécie de suplemento literário. Segundo informava o editorial presente no primeiro número do periódico, aquela publicação substituiria a Revista Popular, publicada pelo mesmo editor, entre 1859 e 1862. A única modificação indicada dizia respeito ao fato de a nova revista ser mais “exclusivamente dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras” (A REDAÇÃO, janeiro de 1863). Apesar dessa informação, na verdade, muito pouco da Revista Popular foi conservado pelo Jornal das Famílias. Ao longo desse extenso período de publicação, o Jornal das Famílias manteve a mesma estrutura de seu primeiro número, ou seja, aparecia sempre com capa idêntica e as seções e colaboradores sofreram apenas pequenas alterações. Uma vez por mês, as leitoras tinham a possibilidade de acompanhar as novidades da moda francesa e da literatura brasileira. Essa foi uma fórmula que parece ter sido muito bem sucedida, se considerarmos o tempo que durou a revista, em especial quando nos recordarmos das dificuldades enfrentadas por outros empreendimentos à mesma época¹.

¹ Boa parte dos periódicos, publicados no Brasil, mal conseguiu vencer o seu primeiro ano. Dentre aqueles que contaram com a colaboração de Machado de Assis, podemos citar: A Epoque (durou quatro números, publicados em 1875), Gazeta Litteraria, (foram

O nome de Machado de Assis apareceu desde a primeira lista de colaboradores divulgada². Sua participação começou com a escrita de versos e, em seguida, a partir do número de junho de 1864, deu início à publicação de um número bastante elevado de contos. A sua maioria apareceu dividida em mais de um número da revista, utilizando-se do formato de folhetim, com o "continua" registrado ao final da página. Das oitenta e seis histórias publicadas por Machado naquelas páginas, apenas treze ganharam o formato de livro. Sete delas encontram-se na coletânea *Contos Fluminenses* (1870) e seis em *Histórias da meia-noite* (1872). Todas as outras ainda são pouco conhecidas do grande público. Para escrever essas narrativas, nosso literato precisou considerar o perfil do periódico e as exigências de seus possíveis leitores e leitoras. Essa afirmativa torna-se mais plausível diante da polêmica que envolveu a publicação do conto "Confissões de uma viúva moça". Talvez o mais conhecido conto dentre o grupo de histórias publicadas no *Jornal das Famílias*, as "Confissões de uma viúva moça" começaram a aparecer em abril de 1865, levando como assinatura apenas a letra "J"³. Essa foi a única

24 números, publicados entre outubro de 1883 e dezembro de 1884) e a *Ilustração Brasileira* (publicada entre 1876 e 1878). Em contraposição a esses números, as revistas de moda e literatura parecem ter alcançado um sucesso muito mais significativo. Além do *Jornal das Famílias*, *A Estação*, que também contou com a colaboração de Machado de Assis, teve uma duração bastante longa, tendo sido publicada entre janeiro de 1879 e dezembro de 1904.

² No *Jornal das Famílias*, além de assinar como Machado de Assis, nosso literato ainda recorreu a outras assinaturas, como "M.A.", "Max", "J.", "Job", "M.", "A.", "F. e S.", "J.J.", "Máximo", "Marco Aurélio", "J. B.", "Victor de Paula", "Otto", "Camillo da Anunciação", "X.", "Lara", "O. O." e "B.B.". Para uma análise detalhada da participação de Machado de Assis nessa revista, ver SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores de Machado de Assis no Jornal das Famílias*. Dissertação de mestrado em História, Unicamp, 2005.

³ Sobre esse conto, Raimundo Magalhães Júnior foi quem questionou a veracidade da polêmica encetada nos jornais fluminenses (MAGALHÃES JÚNIOR, 2008, pp.372-384). Toda a polêmica apareceu transcrita em Jean-Michel Massa (MASSA, 1965, pp. 210-217 e 520-521). Segundo Brito Broca, na realidade, havia uma disputa entre o *Jornal das Famílias* e o *Correio Mercantil* (BROCA, 1983). Nos últimos anos, essa polêmica tem sido estudada na tentativa de compreender sua narradora (PEREIRA, 2008) e a participação de Machado de Assis em periódicos. (SILVEIRA, 2005) e (GRANJA, junho de 2008).

história publicada naquelas páginas que ofereceu voz a uma narradora do sexo feminino.

Logo no princípio das “Confissões de uma viúva moça”, Eugênia justificava a escrita das cartas que narrariam as suas aventuras para uma amiga, porque daquela forma evitaria a vergonha que sentiria se contasse a história pessoalmente. Além disso, essas cartas teriam “o efeito de um folhetim de periódico semanal” (J., abril de 1865). Cumpriria as funções de ensinar uma lição e divertir a leitora. Desse modo, preencheria todos os pré-requisitos que uma história deveria ter para compor aquelas páginas. Segundo publicação encontrada no próprio *Jornal das Famílias*, o periódico tinha como missão “recrear suas leitoras com poesias e variados artigos de mero interesse literário”, além disso, ainda precisaria “instruir o sexo, cujas graças naturais por sem dúvida se centuplicam, quando realçadas pelo brilhantismo de uma educação esclarecida”. (*Jornal das Famílias*, outubro de 1874). À primeira vista, portanto, o conto estava de acordo com o estabelecido entre editor, colaboradores e público leitor. No entanto, depois de explicar o formato da narrativa, Eugênia prosseguia contando como havia sido uma esposa cheia de vontades, que fazia de sua casa um ponto de encontro e de divertimentos. O esposo dela, por sua vez, não recebeu nem mesmo um nome e foi descrito como alguém que cedia a todos os caprichos da mulher. Foi depois de uma situação de disputa de poder entre homem e mulher, com o intuito de decidir onde iriam se divertir, que Eugênia começou a ser cortejada por Emílio. Depois disso, a viúva moça ainda recebeu uma carta na qual o homem da última noite declarava-se. Eugênia, por sua vez, não se mostrava resoluta diante do princípio de fidelidade que deveria reger a postura das mulheres em seus casamentos. Seu esposo também não indicava qualquer interesse por Eugênia. Assim encerrava-se a primeira parte das “Confissões de uma viúva moça”, com um primeiro capítulo de apresentação das intenções da escrita do conto, informando que a narrativa cumpriria o objetivo de instruir e divertir; e um segundo capítulo que parecia destoar, porque deixava no ar um suposto romance vivido pela viúva, enquanto o marido dela ainda estava vivo. A escolha de um título que

despertava a curiosidade para quais seriam as confissões de uma jovem mulher e esse introito que deixava espaço para as leitoras imaginarem mil situações não pareceram cumprir as necessidades da revista. Ao contrário, foram utilizados como motivação para o início de uma polêmica que apareceu nos jornais diários da Corte. Na primeira nota publicada sobre o conto, "O Caturra" afirmava que o jornal estava se afastando de seu programa, oferecendo àquelas que, em breve, seriam esposas e mães um material que estimularia a imaginação delas, de forma por ele considerada como distante do ideal. Em resposta, apareceu, no Diário do Rio de Janeiro, outro artigo que acusava "O Caturra" de inimigo pessoal de B. L. Garnier, além de um resumo da história até ali contada e um convite para a sua leitura. Como a grande maioria das polêmicas em torno da proibição de alguma leitura, essa também deve ter tido o efeito de levar ainda mais leitores e leitoras para as páginas do Jornal das Famílias.

Em maio de 1865, o novo número do Jornal das Famílias iniciava-se com a continuação das confissões de Eugênia. Agora acompanhamos a aproximação entre Eugênia e Emílio, além dos esforços dela para resistir à sedução de um hábil cortejador. Essa segunda parte da publicação do conto foi traduzida por "O Caturra", em mais um artigo publicado na imprensa diária, de um modo bastante interessante. Em primeiro lugar, o articulista fazia recordar mais uma vez que o Jornal das Famílias estava se desviando de sua proposta, como folha destinada à educação e ao recreio das moças. Afirmava que o novo caminho tomado o havia transformado em "apóstolo do lourerismo". Além disso, ainda mostrava como o título despertava a curiosidade geral e o que se seguia constituía-se na "mais inconveniente e venenosa leitura para meninas". Em especial por ter sido escrita "por mão de mestre na especialidade erótica, retocado e ornado do mais sedutor fraseado, em que voluptuosamente se exhibe o embate de fogosos e criminosos sentimentos, de anelantes pugnas em uma imaginação exaltada e delirante". Essas suas reclamações sugeriam que a história contada na revista feminina tinha certo teor que tanto veio a agradar os

leitores da passagem do século XIX para o XX⁴. Oferecia cores muito mais vibrantes para um romance que nem mesmo veio a se concretizar. Se as leitoras ainda não tivessem sido despertadas para o teor erótico do conto, passariam a procurá-lo nos próximos números e, quem sabe, até mesmo retrocederem a leitura com o intuito de verificar as afirmações deixadas pelo crítico. Além disso, deve ter levado para as páginas de uma revista de moda e literatura um maior número de leitores do sexo masculino. O primeiro problema do conto, portanto, estava no fato de as leitoras daquele periódico não poderem acompanhar uma trama considerada “erótica”, porque isso seria prejudicial à formação das mesmas como mães e donas de casas. Essas leitoras poderiam se inspirar na história contada por Eugênia e levar aquele comportamento para a sua realidade. A segunda questão girava em torno do fato de que Eugênia aparecia sempre “no primeiro plano, sendo o marido, embora cavalheiro para com todos, atirado por assim dizer, em sua própria casa, para o fundo figurado até como o instrumento de aproximação desses dois namorados da elite”. Seguindo o raciocínio de “O Caturra”, podemos concluir que às mulheres leitoras do *Jornal das Famílias* deveriam ser ensinadas as artes da submissão; característica que Eugênia em nenhum momento apresentou. Com isso, o escritor do conto, quando oferecia voz àquela narradora, abria novas possibilidades às mulheres suas leitoras, bastante diferentes daquelas que apareciam em outros escritos naquelas mesmas páginas. Às mulheres, nesse conto, foram oferecidos o direito de falar sobre os seus próprios sentimentos, por meio da narrativa envolvente de Eugênia, e de imaginar uma vida diversa daquela levada por suas mães. A mulher ocupava o centro das atenções na história ficcional, lugar que, na vida real, deveria pertencer

⁴ Segundo Alessandra El Far, nas últimas décadas do século XIX, “o povo”, ou seja, uma nova parcela de leitores passou a interessar os livreiros e o mercado editorial. No entanto, esses novos leitores tinham um gosto bastante especial e que até a publicação das “Confissões de uma viúva moça” não eram vistos com bons olhos, especialmente quando se tratava de uma leitura para as moças. Eram os “romances de sensação” e os “romances para homens”. (EL FAR, 2004)

aos homens, conforme acreditava "O Caturra". O conto, portanto, inverte essa lógica que parecia tão arraigada nas casas das brasileiras dos Oitocentos. Por isso, parecia ser uma leitura tão perigosa. Talvez o maior dos problemas não fosse o caráter erótico, levantado pelo crítico, mas a possibilidade de servir de inspiração para as mulheres, que poderiam resolver tomar as rédeas de sua própria história.

No último mês de publicação do conto, apareceu uma correção para a postura tomada por aquela personagem, com o objetivo de mostrar para as leitoras que seguir o mesmo caminho percorrido por Eugênia não renderia boa coisa. Assim, quando Eugênia pensou que poderia viver, sem culpa, o seu romance com Emílio, pois havia tornado-se viúva, o cortejador a abandonou, com a desculpa de que não era homem adepto ao casamento. Encerrava-se assim o conto e a polêmica em torno de sua publicação numa folha destinada à leitura de moças de família. Essa polêmica já foi muitas vezes analisada apenas como um artifício publicitário criado por Machado de Assis e B. L. Garnier para angariar mais leitores e leitoras para o *Jornal das Famílias*, enquanto o Brasil vivia a Guerra do Paraguai. Independentemente da sua veracidade, por meio do encaminhamento da polêmica ficamos sabendo mais a respeito das exigências impostas ao literato, das estratégias por ele criadas para driblar pais e críticos caturras e também sobre as expectativas criadas em torno das mulheres contemporâneas ao conto. Desse modo, a escrita de Machado de Assis no *Jornal das Famílias* precisava seguir alguns princípios básicos. Tinha as mulheres como principais receptoras, deveria instruir o sexo feminino, formando "boas" mães e donas de casa, e, quando desejasse oferecer outras visões de mundo, o literato precisaria recorrer a algumas estratégias para driblar os leitores caturras. Uma dessas estratégias, apresentada no próprio "Confissões de uma viúva moça", foi a de adiar o máximo possível as lições e castigos que seriam oferecidos àquelas que tentassem subverter a ordem social. Publicar a história em mais de um número da revista, seguindo o formato de folhetim, oferecia a possibilidade de prorrogar as lições e permitia que as protagonistas zombassem de seus pais e maridos,

Daniela Magalhães da Silveira

inspirando comportamentos como aqueles, ou deixando espaço para que a imaginação das leitoras completasse a narrativa, conforme fosse o desejo delas. Desse modo, Machado de Assis criava um espaço de publicação no qual poderia exercitar e aperfeiçoar o seu estilo, e que o permitia ainda manter contato direto com o público leitor. No *Jornal das Famílias*, havia a necessidade de cumprir alguns princípios relacionados à educação e à formação moral e religiosa das leitoras. Por outro lado, “instruir” e “divertir” tiveram sob a pena de Machado de Assis significados que nem sempre estiveram de acordo com o princípio de formar uma mulher obediente e inerte diante dos principais acontecimentos de sua vida pessoal. Desde a sua juventude, Machado interessou-se por escrever para mulheres, desafiando as suas leitoras a transporem as linhas do periódico, conforme veremos em seguida.

Personagens que leem e inspiram novas práticas

Em quase todas as obras publicadas por Machado de Assis, encontramos não apenas provocações aos leitores “ignaros” e elogios “às gentis leitoras”; como também uma série de personagens, tanto do sexo masculino como do feminino, com um jornal ou um livro em suas mãos. As obras escolhidas por cada um desses personagens, juntamente com a apropriação e o grau de compreensão deles, ajudaram a compor o perfil de homens e mulheres ficcionais. Se uma personagem como a Eugênia, das “*Confissões de uma viúva moça*”, tinha o poder de fazer com que as leitoras do periódico seguissem os seus mesmos hábitos e comportamentos, podemos acreditar que personagens leitores também serviriam de inspiração. Com certeza, Machado de Assis tinha consciência, desde o início da sua carreira como escritor, sobre o número escasso de leitores e leitoras existentes no Brasil àquela época. Por isso, precisava de, ao lado de B. L. Garnier, criar estratégias para conquistar um número cada vez maior dentre aqueles que possuíam a habilidade da leitura. Além disso, ainda sabia que muito maior do que o número de leitores de livros era o de jornais e revistas.

Desse modo, são vários os personagens dos contos publicados no *Jornal das Famílias* que aparecem fazendo a leitura do *Jornal do Commercio*. O conto "A felicidade", assinado pela letra "X", e publicado nos meses de março e outubro de 1871, inicia-se de forma bastante interessante. A cena se passa no *Carceller*, numa manhã de 1860. Primeiro vemos um caixeiro servindo o freguês que acabara de chegar. Em seguida, o mesmo solicita o *Jornal do Commercio*. Como este estava ocupado, o freguês pergunta pelo *Diário do Rio de Janeiro*, que também não se encontrava disponível. Embora encontrar os jornais com outros fregueses fosse uma situação constante, o personagem não parecia muito satisfeito e observava aquele que estava com o *Jornal do Commercio* em suas mãos:

O leitor da gravata amarela tinha a calma natural que a posse inspira ao homem. Já havia engolido o almoço, tinha entre os dentes um alvíssimo palito cuja ponta mastigava, cruzara as pernas, encostara-se à parede e lia voluptuosamente os a pedido da folha. Era um destes homens que leem tudo e não leem nada; percorria os primeiros períodos de um artigo, virava e revirava a folha, como se não houvesse para ele nenhuma outra ocupação. Algumas vezes parecia disposto a deitar a folha sobre a mesa, e o outro que o espreitava, ia-se levantando para o ir buscar com medo que outro pretendente adiantasse a mão. Engano! O sujeito da gravata amarela não concluía o gesto e continuava a ler tranquilamente, como se fosse o único assinante daquele exemplar. (X. março de 1871, p.77)

Situação muito parecida volta a ser descrita em "Dívida extinta". Neste conto, para a composição do perfil do personagem Bento Fagundes da Purificação, a leitura aparecia com uma característica bastante relevante. O homem era boticário estabelecido à Rua da Saúde fazia mais de vinte anos. Possuía ainda dois escravos "comprados no Valongo, quando esses eram ainda boçais e a preço módico". Seu único passatempo constituía-se em jogar gamão com um vizinho aos domingos. Nos demais dias, trabalhava e,

De manhã, lavado e enfrornado no rodaque de chita amarela, sentava-se em uma cadeira à porta, a ler o *Jornal do Commercio*,

Daniela Magalhães da Silveira

que lhe emprestava o padeiro da esquina. Não lhe escapava nada, desde os debates das câmaras até os anúncios teatrais, posto não fosse a espetáculos nem saísse nunca. Lia com igual pachorra todos os anúncios particulares. Os derradeiros minutos eram dados ao movimento do porto. Uma vez inteirado das cousas do dia entregava-se todo aos misteres da farmácia. (MACHADO DE ASSIS, novembro de 1878, p.339)

Esses dois leitores podem nos ajudar a compreender um pouco aquilo que constituía a prática de leitura ideal para Machado de Assis. Ou seja, a sua receita sobre como ler da melhor forma possível os jornais disponíveis em seu tempo. Por outro lado, ainda traz indicações a respeito de como, possivelmente, os leitores reais deveriam ler as folhas do dia⁵. Nesse sentido, o *Jornal do Commercio* parecia leitura indispensável. Talvez por causa da sua trajetória, mas também porque oferecia um pouco de tudo aos leitores. Atendia desde quem procurasse informação até aqueles que gostassem apenas de passar o tempo. Foi classificado à sua época como um jornal governista e conservador. Por outro lado, abria espaço para as disputas do cotidiano, que poderiam ser encontradas nos “a pedido”, e também para a publicação dos primeiros folhetins da imprensa brasileira. Sendo assim, nenhum dos personagens citados até aqui dispensava começar o seu dia conferindo as tão diversas colunas do *Jornal do Commercio*. Folha que deveria ser lida não apenas pelos personagens de Machado de Assis, como pelo próprio literato e pelos assinantes do *Jornal das Famílias*. Outro

⁵ Boa parte das pesquisas, dentro do campo da história, sobre os leitores brasileiros tomam como ponto de partida os apontamentos de Roger Chartier (CHARTIER, 1990). Este artigo compreende a leitura como uma prática, que pode transformar o cotidiano das pessoas, e pretende, por meio dos leitores e das leitoras ficcionais criadas por Machado de Assis, procurar alguns indícios sobre o público real e a relação estabelecida com o literato em questão. O *Jornal das Famílias*, embora estimulasse a participação de seus leitores, por meio do envio de colaborações que seriam publicadas, não possuía uma coluna específica para esses mesmos leitores. Também não sabemos, ao certo, o que apareceu naquelas páginas e que pode ser identificado como de autoria de algum leitor. Apesar dessas lacunas, torna-se necessário investir em estratégias diversas, a fim de sabermos mais sobre os leitores e as leitoras de Machado de Assis e de tantos outros escritores de literatura.

aspecto interessante e que pode ser depreendido, a partir de ambos os excertos, diz respeito à leitura pela qual os sujeitos não precisam pagar. Em "A felicidade", observamos dois personagens que disputam a mesma folha em um restaurante, de modo que o narrador procura deixar claro que aquela situação era rotineira. O personagem de "Dívida extinta" parecia ainda mais avaro, porque, embora tivesse condições financeiras de adquirir o seu exemplar, comportava-se como mais um leitor que contava com o empréstimo dos exemplares de algum assinante. Esta, aliás, parece ter sido a situação que mais incomodava e, provavelmente, causava prejuízo aos editores de jornais e revistas (SILVEIRA, 2010, p.197). Por outro lado, encontrava-se disseminada entre os leitores e as leitoras fluminenses do século XIX. Se o impresso aos poucos adquiriu esse caráter de descarte, por que os leitores precisariam comprá-lo? O mais prático e econômico parecia mesmo ser a leitura em locais públicos e também o empréstimo entre vizinhos. Por fim, Machado ainda descreve com riqueza de detalhes como cada um de seus personagens lia as notícias encontradas. No primeiro trecho, observamos um daqueles leitores que "leem tudo e não leem nada", que passam os olhos em todo o periódico, sem se fixar em alguma notícia e tentar compreender os seus detalhes. No segundo trecho, por sua vez, Bento Fagundes não deixava escapar nada, embora toda aquela leitura não fizesse parte da sua realidade, pois o personagem gastava o dia trabalhando em seu comércio ou então jogando cartas com um vizinho, sem frequentar os teatros e as reuniões da câmara, temáticas privilegiadas pelo jornal em questão.

Interessa-nos observar que a leitura do Jornal do Commercio encontrava-se, geralmente, associada aos hábitos masculinos. São homens comuns que não procuram nada de específico na folha; querem apenas passar o tempo e informar-se de modo superficial a respeito de todos os assuntos. Talvez essa fosse a principal utilidade que Machado de Assis acreditava ter aquela folha para os seus leitores. Como contraponto, o contrário dessa leitura matinal e descompromissada parecia ser aquela realizada pelas personagens femininas encontradas nos contos do Jornal

Daniela Magalhães da Silveira

das Famílias. Suas mulheres de papel não liam jornal, mas os famosos romances de sua época. Além disso, a forma como liam também nos parece bastante diferente daquela realizada pelos personagens masculinos. A leitura feminina possuía como principal característica o prazer e o devaneio. Além disso, algumas vezes encontrava-se associada a reuniões de família, sendo que nesses casos algum homem assumia o papel de leitor. No conto “Encher tempo”, podemos observar um pouco melhor as diferentes leituras realizadas por personagens masculinos e femininos. Primeiro, encontramos o personagem Pedro, lendo uma tradução de Gil Brás.

A leitura de Gil Brás não durou muito tempo, se é que durou algum, porque até hoje não está averiguado que o jovem Pedro tivesse naquela tarde o espírito na mesma direção dos olhos. Os olhos corriam pelo papel e a mão voltava tão regularmente a página que era difícil dizer que eles não liam. Há todavia razões para crer que o espírito vagueava distante o livro. (MACHADO DE ASSIS, abril de 1876, p.110)

O exercício realizado pelo rapaz nem de longe pode ser considerado como uma leitura atenta. Ao contrário, servia, mais uma vez, apenas para que o mantivesse com os olhos ocupados. No entanto, Machado de Assis a descrevia usando de toda a sua precisão. Depois disso, logo ao anoitecer, Pedro se transforma em leitor de romances para a mãe:

A noite veio clara e estrelada; e não tardou que a lua batesse de chapa nos telhados e calçadas úmidas da chuva da tarde. D. Emília foi fazer meia na sala de costura, à luz de duas velas de spermacete, enquanto Luiz recordava a lição, as meninas cosiam, e Pedro lia em voz alta uma novela que a mãe interrompia com reflexões substanciais de moral e disciplina. (MACHADO DE ASSIS, abril de 1876, p.111)

Eis aqui uma importante diferença entre os personagens leitores do sexo feminino e as mulheres leitoras/ouvintes criadas por Machado de Assis. Geralmente os homens aparecem lendo para matar o tempo, sem qualquer objetivo definido. Por sua vez, a mãe de Pedro, enquanto exerce uma das funções sugeridas pelo Jornal das Famílias, ainda escuta a leitura e

transforma as palavras ouvidas em lições que serviriam para os filhos em fase de amadurecimento. A novela não vale apenas para encurtar o tempo entre o trabalho e o horário de se recolher, mas também para harmonizar a família e oferecer “reflexões substanciais de moral e disciplina”. Considerando que essa cena é interrompida pela chegada de um padre, podemos imaginar que as lições encontradas naquela leitura teriam um forte tom religioso e rígidas normas de conduta, as quais deveriam servir de exemplos. A prática da leitura ainda aparece mais uma vez nessa narrativa, sendo que Pedro mantém a posição de leitor. Mas agora a ouvinte era a sobrinha do Padre:

Lulu não podia ler; e nem sempre a entretinham as histórias da tia Mônica. Pedro lia para ela ouvir alguns livros morais que achava na estante do padre, ou algum menos austero, ainda que honesto, que de casa levava para aquele fim. Sua conversa, além disso era extremamente agradável; a dedicação sem limites. Lulu via nele uma criatura boa e santa; e o hábito de todos os dias veio a torná-lo necessário. (MACHADO DE ASSIS, junho de 1876, p.170)

Nessa terceira cena de leitura, observamos outro sentido para aquela prática: aproximar corações apaixonados. Além disso, enquanto a mãe de Pedro escutava os romances lidos e retirava dali lições para o seu dia a dia, Lulu gostava não apenas de ouvir histórias religiosas, como também narrativas conforme, provavelmente, àquelas que “O Caturra” acreditava que deveriam aparecer nas páginas do Jornal das Famílias, no lugar das “Confissões de uma viúva moça”. Ou seriam histórias como aquelas que, de fato, eram publicadas e assinadas por Machado de Assis naquela mesma revista? O conto não nos oferece indícios a fim de que possamos traçar uma resposta objetiva para essa questão, mas o importante mesmo é observar como a leitura parecia importante para a composição do perfil de cada um daqueles personagens e como personagens masculinos e femininos se apropriavam de páginas impressas de formas tão específicas e de acordo com os seus interesses pessoais. Ao lado disso, ainda temos indícios que nos permitem afirmar que publicações impressas ultrapassavam as barreiras

Daniela Magalhães da Silveira

impostas aos analfabetos. Estes poderiam escutar a narrativa lida por algum letrado da família, como delineado por Machado de Assis no conto em questão.

Vamos acompanhar agora um pouco mais a respeito da leitura realizada pelas personagens femininas desenhadas por Machado de Assis para os seus contos do *Jornal das Famílias*. Conforme já indicado, essas preferiam a leitura de romances, tanto aqueles encadernados sob o formato de livros como também os que apareciam em folhetins nos periódicos de moda e literatura, parecidos com o próprio *Jornal das Famílias*. Desse modo, se em “Encher tempo” Pedro ocupa o lugar de leitor da família, em “Aires e Vergueiro” a leitora é a personagem Carlota. A cena se repetia e a personagem ajudava no reestabelecimento de um amigo:

Com verdade se diz que é nos grandes infortúnios que se conhecem as verdadeiras amizades. Aires encontrou da parte do sócio e da mulher a mais sublime dedicação. Carlota foi para ele uma verdadeira irmã; ninguém levou mais longe e mais alta a solicitude. Aires comia pouco; arranjou-lhe ela comidas próprias para lhe vencer o fastio. Conversava com ele longas horas, ensinava-lhes alguns jogos, lia-lhe o *Saint-Clair das Ilhas*, aquela velha história de uns desterrados da ilha da Barra. Pode-se afiançar que a dedicação de Carlota foi o principal medicamento que restituiu à vida o nosso Pedro Aires. (J. J., janeiro de 1871, pp.21-22)

A amizade fraternal acabou se transformando em paixão avassaladora, fazendo com que o casal fugisse ao final da trama. O problema, nesse conto, é que o mesmo não tratava de um jovem casalsinho enamorado, mas de uma mulher casada que foge com o amigo de seu esposo. A leitura servia assim para aproximar alguns personagens, afastar outros e ainda levar ao pecado. Essa história não causou qualquer polêmica, mas com certeza não estava de acordo com os princípios defendidos por “O Caturra”. Além de *Saint-Clair das Ilhas*, outros dois romances apareceram com frequência nas mãos de personagens femininas: *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre (1788), e *Fanny*, de Ernesto Feydeau (1858). Na maioria das vezes, o primeiro encontrava-se associado a personagens puras

e de caráter incontestável, enquanto o outro consistia em leitura de personagens frívolas e a beira da traição. Nesse sentido, Machado de Assis recorria à leitura realizada por cada personagem para ajudar em sua caracterização.

Provavelmente a personagem Cecília, de “O anjo das donzelas – conto fantástico”, havia lido tanto Paulo e Virginia como Fanny. Este conto foi publicado entre setembro e outubro de 1864 e assinado por Max. Logo no princípio da narrativa, encontramos a tentativa de se estabelecer um diálogo entre escritor e leitor:

Cuidado, leitor, vamos entrar na alcova de uma donzela. A esta notícia o leitor estremece e hesita. É naturalmente um homem de bons costumes, acata as famílias e preza as leis de decoro público e privado. É também provável que já tenha deparado com alguns escritos, destes que levam aos papéis públicos certas teorias e tendências que melhor fora nunca tivessem saído da cabeça de quem as concebeu e proclamou. Hesita e interroga a consciência se deve ou não continuar a ler as minhas páginas, e talvez resolva não prosseguir. Volta folha e passa a cousa melhor. Descanse, leitor, não verá neste episódio fantástico nada do que se não pode ver à luz pública. Eu também acato a família e respeito o decoro. Sou incapaz de cometer uma ação má, que tanto importa delinear uma cena ou aplicar uma teoria contra a qual proteste a moralidade. Tranquelize-se, dê-me o seu braço, e atravessemos, pé ante pé, a soleira da alcova da donzela Cecília (MAX, setembro de 1864, p.249).

Este introito oferece-nos dicas bastante interessantes. Pois, quando o narrador imagina qual seria a reação de seu leitor, direciona a leitura que será posteriormente realizada. Por mais que os leitores tenham a liberdade de realizar a leitura que mais lhe aprouver, ainda assim esse tipo de interferência pode limitar, ao menos para alguns, os caminhos perseguidos pelos olhos ao longo do texto. Além disso, o narrador não insere qualquer reação absurda, mas o sentimento que poderia causar em um leitor de um conto que logo em seu título levava a definição de “fantástico”. Esse foi apenas o terceiro conto publicado por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, então alertar os leitores de que aquela história seguiria os princípios

morais também parecia bastante acertado. É importante mais uma vez considerar que, embora aquela fosse uma revista de moda e literatura escrita para as mulheres, os leitores do sexo masculino não foram esquecidos e deveriam compor o número daqueles que se aventuravam por aquelas páginas e que não ficavam apenas passando os olhos pelo *Jornal do Commercio*. Por outro lado, talvez as mulheres também devessem ter curiosidade sobre o que os homens liam, e por isso deveriam ser despertadas por esse tipo de narrativa e diálogo.

Dando continuidade à sua história, o narrador nos informa que a personagem Cecília lia um romance e que, “apesar da hora adiantada, onze e meia, ela parece estar disposta a não dormir sem saber quem casou e morreu”. Uma curiosidade comum aos leitores e leitoras de romances que se envolvem com as tramas dos personagens, torcem e sofrem por eles. Além desse dado, ficamos sabendo também que Cecília deveria ler compulsivamente, pois aquele era o centésimo romance lido, desde que deixara de frequentar o colégio, fato que não ocorrera havia muito tempo. Mas qual romance lia Cecília? Isso tentava mostrar o narrador com bastante cuidado:

Que lê ela? Daqui depende o presente e o futuro. Pode ser uma página da lição, pode ser uma gota de veneno. Quem sabe? Não há ali à porta um índice onde indiquem os livros defesos e os lícitos. Tudo entra, bom ou mau, edificante ou corruptor, Paulo e Virgínia, ou Fanny. Que lê ela neste momento? Não sei. Todavia deve ser interessante o enredo, vivas as paixões, porque a fisionomia traduz de minuto a minuto as impressões aflitivas ou alegres que a leitura lhe vai produzindo.

Cecília corre as páginas com verdadeira ânsia, os olhos voam de uma ponta da linha à outra; não lê, devora; faltam só duas folhas, falta uma, falta uma lauda, faltam dez linhas, cinco, uma... acabou. Chegando ao fim do livro, fechou-o e pô-lo em cima da pequena mesa que está ao pé da cama. Depois, mudando de posição, fitou os olhos no teto e refletiu.

Passou em revista na memória todos os sucessos contidos no livro, reproduziu episódio por episódio, cena por cena, lance por lance. Deu forma, vida, alma, aos heróis do romance, viveu com eles, conversou com eles, sentiu com eles. E enquanto ela pensava assim,

o gênio que nos fecha as pálpebras à noite hesitou, a porta do quarto, se devia entrar ou esperar. Mas, entre as muitas reflexões que fazia, entre os muitos sentimentos que a dominavam, alguns havia que não era de agora, que já eram velhos hóspedes no espírito e no coração de Cecília. (MAX, setembro de 1864, pp.250-251)

O trecho acima traz mais algumas diferenças importantes entre a leitura realizada por personagens femininas e masculinas no *Jornal das Famílias*, conforme viemos acompanhando. Todos ainda devem se lembrar de como os dois personagens leitores de jornais, dos contos “A felicidade” e “Dívida extinta”, apropriavam-se das notícias de forma fluida e descompromissada. Além disso, não havia qualquer preocupação sobre a qualidade daquilo em que se consistia a leitura masculina - nem do ponto de vista moral, nem político. Embora muitos homens de letras daquela época acreditassem que política fizesse parte apenas dos interesses masculinos, não aparecem questionamentos a respeito do posicionamento da folha e nem dos personagens dos contos analisados. Por sua vez, a leitura de Cecília, como aquela praticada pelas mulheres reais, deveria ser vigiada. Talvez porque as mulheres lessem de um modo diferente e levavam as experiências impressas em folhas de papel para os seus cotidianos. A narrativa não era esquecida depois que o volume fosse fechado e colocado sobre a mesa. Por isso, muitos homens tentaram controlar a leitura feminina, tanto no mundo ficcional como no mundo real. É interessante observar, no entanto, como a menina conseguia escapar a esse controle. O narrador sabia que dali dependia o futuro dela, observava o vívido interesse pela história, como a mesma conjugava aquilo com a sua experiência, mas não conseguia dar a resposta mais simples de todas: “O que lê ela?”.

Havia diferenças significativas para Machado de Assis entre a leitura de seus personagens, e isso era delineado a partir do sexo de cada um deles. Uma das justificativas para essa tomada de posição, tanto nos contos escritos por Machado de Assis como na atenção cobrada por seus contemporâneos, considerando o posicionamento de “O caturra”, diz

Daniela Magalhães da Silveira

respeito à necessidade de formação feminina. A leitura consistia em ingrediente básico para a educação das mulheres, tanto porque as mesmas deveriam se inspirar naquelas páginas e levar para as suas vidas o comportamento das personagens como pelo fato de que a alfabetização e a leitura de romances caracterizavam uma sociedade à moda europeia, conforme desejaram muitos homens de letras, políticos e médicos ao longo de boa parte do século XIX. Machado de Assis parecia de acordo com esse princípio. No entanto, as suas personagens leitoras não se contentavam em apenas frequentar as páginas religiosas e morais. Ao contrário, conheciam muito bem o conteúdo de romances menos pios e nem por isso sofreram qualquer consequência que pudesse desabonar a leitura. A personagem Cecília era leitora voraz de tudo aquilo que caísse em suas mãos. Foi nos romances que conheceu o amor, e, diferentemente das outras mulheres leitoras, acabou criando barreiras intransponíveis para a realização desse sentimento. No entanto, o narrador fazia questão de frisar que isso não era consequência apenas da leitura de romances, mas também “do espírito supersticioso de Cecília” e do modo pelo qual as histórias eram lidas, tomando as narrativas “ao pé da letra”. Naquela mesma noite em que terminava o romance cujo título o narrador não soube responder qual seria, apareceu-lhe o anjo das donzelas, uma figura fantástica que a fez prometer que nunca se entregaria a nenhuma paixão. Com o passar do tempo, vários pretendentes apareceram e foram todos descartados, por causa da promessa feita. A menina transformou-se em mulher de trinta e três anos, com algumas rugas e os primeiros cabelos brancos. Mas o coração continuou inerte; até o retorno de um primo que havia partido no dia em que o anjo das donzelas aparecera. Com isso, ficava esclarecido que toda aquela encenação havia partido desse primo, que tentava prender a moça enquanto estivesse fora da cidade. O conto termina com essa revelação, sem mostrar se Cecília finalmente se casara depois daquilo. Isso ficava por conta da imaginação das leitoras e dos leitores.

Considerações finais

Ao longo de sua carreira como escritor de literatura, Machado de Assis ofereceu atenção especial à criação de personagens femininas e também à construção de histórias que pudessem servir para as leitoras. Conforme verificamos, para a realização desse último propósito, precisou algumas vezes enfrentar os pressupostos do quadro de colaboradores do periódico de que fazia parte. Além disso, deveria acreditar nesse poder de imaginação das suas leitoras. Isso fez com que seus contos, publicados no *Jornal das Famílias*, possuísem características que só se tornariam mais claras quando a leitura fosse realizada nas próprias páginas da revista. Ao realizar esse exercício, encontramos um literato disposto a brincar com suas leitoras e, até mesmo, a desafiar as normas de conduta vigentes àquela época.

Quando o *Jornal das Famílias* deixou de ser publicado, sem que para isso apresentasse qualquer explicação, Machado de Assis passou a ocupar as páginas de *A Estação*. Esta era outra revista de moda e literatura dedicada aos interesses femininos. Nessas páginas, Machado ofereceu continuidade ao trabalho até aquele momento realizado, e ainda assinou algumas histórias que marcaram a sua produção, como as primeiras versões de "O alienista" (15/10/1881 a 15/03/1882) e de *Quincas Borba* (15/06/1886 a 15/09/1891). Nosso literato, portanto, parecia bastante interessado por esse público. Afinal de contas, aos poucos, havia conquistado confiança e espaço para mesclar histórias com enredos mais ou menos ousados. O certo é que Machado de Assis esperava que suas leitoras pudessem frequentar o Liceu de Artes e Ofícios⁶, escolher as leituras que mais lhes apraziam e, assim, interferirem não apenas no encaminhamento das tarefas domésticas, como também na formação da literatura nacional e, quem sabe, no desenrolar da política empreendida no país.

⁶ Em 15 de agosto de 1881, Machado de Assis publicou, na *Estação*, o famoso texto "Cherchez la femme", no qual aparecia muito entusiasmado com a possibilidade de as mulheres poderem frequentar o Liceu, quando o mesmo abriu suas portas também para elas.

Daniela Magalhães da Silveira

Bibliografia

- BROCA, Brito. "Entre a política e as letras". In: Machado de Assis e a política. São Paulo: Polis, 1983.
- CHARTIER, Roger. A história cultural – Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- EL FAR, Alessandra. Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GRANJA, Lúcia. "Novas Confissões sobre um conto polêmico de Machado de Assis". Machado de Assis em linha. N. 1. Junho de 2008.
- MAGALHÃES Júnior, Raimundo. Machado de Assis: Vida e obra. Rio de Janeiro: Record, 2008. v. 1.
- MASSA, Jean-Michel. Dispersos de Machado de Assis. Rio de Janeiro: INL, 1965.
- PEREIRA, Cilene Margarete. Jogos e cenas do casamento: construção e elaboração das personagens e do narrador machadianos em Contos Fluminenses e Histórias da Meia-noite. Tese de doutorado em Teoria Literária, Unicamp, 2008.
- SILVEIRA, Daniela Magalhães da. Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias. Dissertação de mestrado em História, Unicamp, 2005.
- _____. Fábrica de contos: literatura e ciência em Machado de Assis. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.